

## SURPRESAS DA ARTE NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Passadas a agitação e as atribuições de preparação do III Congresso de Extensão da UNESP, é possível perceber que a imensa trabalhadeira, as urgências, os desencontros, os atrasos e demais contrariedades resultam em proveitosa experiência que integra dialeticamente o saldo positivo do evento, apontando para aperfeiçoamentos futuros.

O trabalho articulado na PROEX possibilitou a ocorrência de numerosos momentos de brilho e satisfação, graças ao esforço de toda uma equipe, na qual o sentido de responsabilidade coletivo sobrepujou eventuais individualismos e estrelismos.

Cabe-me, por dever de ofício, informar acerca daqueles momentos que tiveram o condão de impactar e surpreender a todos, por sua ocorrência inesperada, esteticamente forte e ajustada metaforicamente ao tema do Encontro, a inclusão. E, é claro, ao seu inevitável antônimo, a exclusão.

O binômio tornou-se o ponto de partida para compormos a programação das “inserções culturais”, mantidas em sigilo até o momento de sua “eclosão” nos espaços gastronômicos dos coffee breaks e nos intervalos para almoço e jantar, proposta oportuna da Pró-Reitora da UNESP, Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Amélia Máximo de Araújo..

Na primeira “inserção”, apreciamos uma dança ritual de afro descendentes que adentraram de repente o amplo espaço do auditório, segundos depois das falas protocolares da abertura oficial. Diante de uma platéia numerosa, atenta e atônita, vibraram tambores e cantos, ocorreram evoluções corporais expressivas em coreografia vigorosa e sensual, movimentos no corredor, entre as duas platéias, dançarinos enfeitados com figurinos primitivos e coloridos, panos, fibras naturais e conchas do mar. O espetáculo coreográfico “Origens” recebeu entusiástico aplauso.

No intervalo para o almoço, no hall do hotel, um solitário e poético clarinetista revisitava novas e velhas músicas brasileiras, diante dos passantes que pareciam não entender bem o que ocorria.

No coffee break da tarde, o grupo de dançarinos negros, o OKUM, voltou a surpreender, promovendo uma “Roda de samba”, seguida de um convite (quase) irrecusável, aos congressistas para também sambarem. Momento performático de “revelações sambísticas” até então enrustidas, incluindo nossas professoras, funcionárias e alunas, até nisseis. Festa de sincretismo na tarde calorenta...

À noitinha, o Coral do Instituto de Artes da UNESP homenageou, por sua produção de temática religiosa, o compositor Heitor Villa Lobos, além de outros de nossos autores que musicaram poemas de Drummond, Cassiano Ricardo, Mário de Andrade, Gregório de Mattos, dentre vários. Desta vez, uma plácida platéia de ouvintes deliciou-se com aquele suave momento de evocações...

Em seguida, num espaço adaptado no lobby do hotel as jovens bailarinas da Companhia de Dança Micrantos, após cansativos ensaios de movimentos, de luz e de som, como que magicamente deram corporeidade e movimentos fortes e delicados, pausados e rápidos, deprimidos e eufóricos, espalhando pela cena as emanações da alma feminina, brasileira e universal, de seu imaginário, de seus sonhos e frustrações, de sua ânsia de amor e de

beleza. No contraponto, os símbolos de uma sociedade repressiva, machista, preconceituosa e competitiva que esmaga a frágil “borboleta branca”, a Macabéa, personagem de Clarice Lispector, de “A hora da estrela”, transposta para a linguagem despojada do teatro coreográfico, com citações de Fellini, Pina Bausch, Kazuo Ono. Depois .... aplausos, muitos aplausos.

No dia seguinte, ocorreram as “inserções teatrais”. O ‘excluído’ em pauta foi a adolescência em desequilíbrio mental, torturada por suas lembranças, por sua convivência familiar e por seu tratamento psiquiátrico sadomasoquista. Cena de delírio de “Valsa nº 6”, de Nelson Rodrigues. A louquinha perambula pelos espaços entre os congressistas em coffee break...

Às 13h30min, no hall envidraçado que antecede o salão de refeições, dois excluídos maltrapilhos dirigem provocações verbais aos passantes que disfarçam seu embaraço, simulando não vê-los. Logo, os miseráveis se revelam “Dois perdidos numa noite suja”, de Plínio Marcos, descarregadores do CEASA de São Paulo, mal remunerados, levados ao masoquismo e ao crime.

Às 15hs45min, nas escadas e nos passadiços que envolvem os espaços estreitos do coffee break, estátuas de bronze misturam-se aos congressistas surpresos; e logo elas ganham vida e parodiam, com ironia e sensualidade, de gosto popular, as atribulações da nossa raça indígena agredida em sua sobrevivência material, espiritual e cultural pelas mistificações e violências dos colonizadores portugueses.

Finalmente, um outro momento de leveza ao entardecer e encontro com nossas raízes: um jovem regente, ainda em formação, relata seu trabalho com instrumentos e cantos com alunas do Instituto de Artes. Ele está febril e afônico, mas seu grupo entoava novas e velhas canções do nosso repertório popular. A platéia vibra, se emociona, cantarola junto, baixinho...

Enfim, foram estas “inserções culturais”, surgidas, como em magia, no meio das gentes. Estamos felizes com o aplauso sincero e caloroso da comunidade da UNESP. Valeu mesmo!

Prof. Dr. Reynuncio Napoleão de Lima  
Coordenador do Programa de Atividades Culturais - PAC